

A enunciação e a história antiga: a constituição da audiência em Luciano de Samósata (séc. II d. C.)

Deise Zandoná¹

Resumo: Este artigo versa sobre o estudo da constituição da audiência em três textos de Luciano de Samósata, *Mestre da Retórica*, *Como se Deve Escrever a História*, *Das Narrativas Verdadeiras*, a partir da Teoria da Enunciação de Émile Benveniste.

Palavras-Chave: Luciano de Samósata, audiência, história antiga.

Abstract: This paper concerns about the study of the constitution of audience in three panflets of Lucian of Samosata, *A Professor of Public Speaking*, *How to Write History*, *True Histories*, from on Theory of Enunciation of Émile Benveniste.

Key-Words: Lucian of Samosata, audience, ancient history.

As obras que chegaram a nós do satírico sírio-grego Luciano de Samósata são produtos de um ato de enunciação, passível de estudo através dos enunciados produzidos para leitura diante de uma audiência (presente na enunciação) antes mesmo de existir enquanto platéia. Isto ocorre porque houve uma percepção de audiência pelo autor marcada na sua fala. Examinarei tal percepção neste artigo, através da análise das fontes *Mestre da Retórica*, *Como se deve escrever a história* e *Das narrativas verdadeiras*. Objetivo compreender suas marcas lingüísticas na fala de Luciano, um locutor que dirige seu texto a uma audiência *pretendida*, *imaginada* e *constituída* no texto. Este estudo se justifica pela carência de menções externas aos textos de Luciano, e pelo fato de que a História Antiga é um ramo próprio, característico, diverso dos demais, marcado pela ausência de documentos (HARTOG, 2003:190). Esta ausência de fontes não é um problema, mas uma peculiaridade do ramo.

Para as análises, utilizo a definição benvenistiana do eu locutor: como Luciano na dimensão do seu discurso se define em relação ao seu tu, a audiência. E de um segundo prisma, examino a audiência enquanto categoria destinatária nos textos, dependente da instância do locutor. A enunciação *não* é uma teoria da recepção de suas obras no público, mas uma teoria do “eu” que comporta a audiência enquanto parte da voz do locutor. Em Benveniste, trata de como o sujeito se marca na interioridade da língua, comportando uma visão de homem que se concebe na intersubjetividade. O sujeito é diferente do locutor, do

¹ Originalmente publicado em: História e multidisciplinaridade: territórios e deslocamentos Anais do Simpósio Nacional de História da ANPUH. 24. São Leopoldo: Oikos, 2007. Disponível em: <snh2007.anpuh.org/anaiscomplementares> .

narrador, mas na enunciação consiste, assim como a categoria de pessoa verbal, uma representação lingüística daquele que fala. Benveniste explica em maiores detalhes: é “na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como *sujeito*; porque só a linguagem fundamenta na realidade, na *sua* realidade que é a do ser, o conceito de ‘ego’.”(BENVENISTE, 2005:286).

Audiência em *Mestre da Retórica*

No primeiro capítulo, o locutor interpela seu ouvinte como *oh meirákion* “que anseia pelo que é mais nobre e sem saber como obtê-lo, pede por conselho.”² A primeira oposição eu/tu está fundada. Em sua própria voz, Luciano é aquele que fornece conselhos a quem lhe pede (LUCIANO:6), um jovem garoto que deseja tornar-se um orador e obter as honras e a fama advindas da retórica. A partir daqui, constrói um aparato para definir a magnitude da eloqüência: personifica a Retórica como uma dama a qual muitos desejam desposar e invoca um conteúdo em reforço à autoridade do eu que se estabelece em oposição ao tu-aprendiz. A retórica é caracterizada de forma elevada, o que responde à função específica de estabelecer o *status* do mestre face sua audiência, pela importância atribuída ao que ele tem a dizer. Através da utilização de *ekphrasis*, apresenta-se como um mestre superior, capaz de ensinar os caminhos que levam à retórica de forma mais rápida e prazerosa do que outros.

Na voz do locutor: “Aprenderias” caso te colocasse em suas mãos; “ele ensinará”(Ibid:11). O “eu” explicita e determina a oposição com o “tu” que se dá na relação entre *máthois - didáksetai*, verbos cuja forma infinitiva *mantánein – didáskein* (aprender-ensinar) e dos quais derivam *mathetés-didaskalós* (aluno-professor). Nas palavras do guia, “o trabalho duro, o sono escasso, a abstenção de vinho e o desleixo são coisas necessárias, ele diz: pois sem eles não é possível atravessar a estrada.”(Ibid:9). Este modelo consiste em um dos conteúdos forjados por Luciano, correspondente à parte objetiva do discurso. Assumida a posição de professor, ordena ao aluno, chamando-o ‘meu querido’ (*oh mélema*)³ a seguir certas regras (*toús nómous*). Fornece sua instrução ao longo da estrada, alegando que em breve fará do pupilo um orador. As primeiras instruções consistem nos requisitos necessários que o aluno deve trazer consigo: a ignorância (*amathían*); o ânimo (*thrásos*); a ousadia (*tólman*) e a desvergonha (*anaiskhyntían*). Luciano menciona ter alcançado o cume por possuir todas as qualidades necessárias. (Ibid:24). Ele diz “gozo do nome de orador”,

² Utilizo as edições abaixo, a partir das quais procuro estabelecer minha própria tradução. A partir das próximas notas, no corpo do texto, referirei-me ao autor, e ao capítulo do texto grego onde a afirmação se encontra. LUCIANO. *Mestre da Retórica*.1. In: LUCIANO. **Obras II**; LUCIAN. Tradução de A. M. Harmon.

³ Traduzido aqui por querido, μέλημα indica algo ou alguém que deve ser objeto de cuidado e atenção. Referência: LIDDELL ; SCOTT. **A Greek-English Lexicon**;

“sou notório pela maldade do meu caráter e ainda pela maldade ainda maior dos meus discursos” (Ibid:25).

Definir o retor Luciano implica considerar a sua dimensão irônica, por meio do qual ele expõe os vícios da retórica da Segunda Sofística. Em *Mestre da Retórica*, o catálogo de vícios é tratado de forma complexa, não-literal, mas personificado nos personagens da epístola, como nos mestres e nos próprios discípulos de retórica, através dos pré-requisitos para se tornarem grandes oradores. A retórica vigente é, por Luciano, descrita como possuindo a utilidade de proporcionar a ascensão social ao retor em vista da fama, da glória que o nome de sofista outorga. Portanto, o objeto principal do texto é definir essa retórica e seus vícios, cabendo ao discurso irônico, a parte mais importante. Assim, Luciano ultrapassa os limites da retórica de aparato, o que talvez justifique a sua não inclusão entre os sofistas de Filóstrato (BRANDÃO, 2001:65).

Audiência em *Como se Deve Escrever a História*

Como se deve escrever a história é aberto em terceira pessoa “Conta-se que...” para iniciar o relato da *manía* que acometeu o povo de Abdera, na época do rei Lisímaco: uma doença (*nósema*) febril fazia com que os homens perdessem o juízo, acometidos por uma paixão que os constrangia a representarem versos de *Andrômeda*. O episódio só foi comparável ao do período de Luciano, no qual a comoção com as derrotas na Armênia e as vitórias contra os partos levou muitos a escreverem história: “Temos feitos a todos Tucídides, Heródotos e Xenofontes” (LUCIANO:2). A doença que atingiu o povo de Abdera compara-se ao *páthos* que atingiu a inteligência (*gnômen*) dos intelectuais (*pepaideuménon*) nas campanhas de Lucio Vero. Luciano parte da constatação de um diagnóstico: a profusão de intelectuais que escreve história é decorrente da comoção com as Guerras Párticas, validando de forma irônica a afirmação de Heráclito de que “a guerra é o pai de todas as coisas”. Luciano marca sua presença como “eu-locutor”:

Vendo e ouvindo aquelas coisas lembrei daquele [homem] de Sínope, pois quando se dizia que Filipe avançava, todos os Coríntios assustados se puseram a trabalhar, preparando armas, carregando pedras, construindo muros (...) Enquanto Diógenes rolava o tonel para cima e para baixo no Craneion. Perguntado o porquê disto respondeu: rolo meu tonel para que não pareça o único desocupado dentre tantos trabalhadores. (Ibid:3)

De forma análoga, para não ser o único mudo (*áphonos*) em uma ocasião polifônica (*poliphónoi*), declara que também vai rolar seu tonel, não para escrever história – por não ser tão atrevido (*megalótolmos*) -, mas para oferecer preceitos aos historiadores (Ibid:4). Comparando-se a Diógenes, estabelece uma posição contrária a da maioria, preferindo refletir sobre o que fazem os inúmeros escritores que se lançam a escrever a história da

guerra. Oferecendo seus preceitos, pretendeu restabelecer a ordem a esta comoção que se gerou, demarcando assim a distância entre o seu discurso e o daqueles.

Bompaire (1958:239) elaborou a hipótese de que todas as obras de Luciano eram destinadas a leituras públicas, conferências, inclusive as cartas endereçadas nominalmente. E os textos *Como se deve escrever a história* e *Mestre da Retórica* seriam exemplos destas cartas, um gênero em pleno vigor na época imperial (Ibid:295-296). Sendo uma conferência, o público-alvo a quem ele se destina em *Como se deve escrever a história* está delineado nas suas próprias palavras: “sei que não vou convencer a maior parte deles [dos historiadores], inclusive parecerei um incômodo a outros”. (LUCIANO:5).

Não são filósofos, médicos e outros capazes de discernir a quem cabe escrever história: Luciano toma para si a tarefa de indicar os capacitados, e as qualidades que estes devem possuir. A utilidade da técnica e do conselho que oferece não serve para criar novas qualidades, mas para utilizá-las como convém (Ibid:35). Novamente, a oposição eu/tu se fundamenta na relação ensino-aprendizado tal como indicam os termos *didaskalías*, *mathôn*, *anmáthoi*, *didaskalós* e *mathetés*, onde afirma não ser possível dizer que o homem inteligente não necessita da *técnica* e do *aprendizado* e de que alguém o ensine, bem como faz menções às qualidades necessárias a um *discípulo* deste gênero, que são apresentadas em terceira pessoa.(Ibid:36,37). Saliento que as qualidades de um aprendiz de historiador são muito diversas das de um aprendiz de orador. Luciano apresenta a imagem o historiador ideal, que acaba reverberando em muitos aspectos os ecos de Tucídides (Ibid:38,39,40,41, respectivamente). É importante a distância bem marcada da retórica nestes dois textos antagônicos analisados até o momento, tal como apresentada abaixo.

E tal é para mim a inteligência (*ten gnômen*) que o historiador deve ter. Quanto à linguagem (*phonén*) e à capacidade de expressão (*hermeneías*), que não comece a obra aguçando aquela famosa violência e mordacidade, períodos encadeados, raciocínios retorcidos e todo o espantoso arsenal da retórica, mas esteja disposto de forma muito pacífica. Que o sentido seja coerente e denso, a expressão clara e adequada à vida pública, para que se possa explicar o assunto de maneira mais clara. (Ibid:43)

A cada audiência pretendida, Luciano opera uma *mudança de registro* que visa adequar o “mundo que se conta”, o mundo dos retores e historiadores da Segunda Sofística, ao “mundo em que se conta”, a sua audiência nas leituras públicas, composta, segundo a análise enunciativa, de aspirantes a oradores. Para estabelecer os limites dentro dos quais um discurso deve permanecer, Luciano imagina sua audiência, tendo em vista o seu conhecimento dos cânones próprios a cada discurso, a cada profissão no seu tempo e, para

cada uma delas – daquelas que compõem o âmbito da *paidéia* – elabora um diagnóstico e uma propedêutica.

Em *Como se Deve Escrever a História*, Luciano está fora do meio historiográfico, não apenas pela sua biografia, mas pelas suas próprias manifestações enunciativas. Porém, é como um estrangeiro na história que toma a palavra para estabelecer com autoridade a sua idéia de historiador ideal: “Afirmo então que o melhor historiador é aquele que tem por ele mesmo estas duas eminentes qualidades: a inteligência política e poder de se expressar” (Ibid:34). Não podemos esquecer que Luciano é um satirista que “não cessou de denunciar a comédia social, sob todos os seus aspectos compreendidos, a adulação e os fenômenos de corte”(PERNOT, 2005:47). O seu panfleto volta-se contra a história-retórica, os defeitos que apresenta representam a intrusão de uma perspectiva retórica na escritura da história (Ibid:42). Ele critica uma história tributária da retórica e mais precisamente tributária da retórica da época, dominada pelo gênero epidítico e pela cultura escolar (Ibid:45). A ironia é que o próprio Luciano tem uma concepção retórica da histórica definindo seu primeiro conceito teórico como uma arte (*tékhne*) (LUCIANO:36). A atitude de espírito e invenção, disposição e expressão são regras que reconhecem fortemente as partes da retórica (PERNOT, 2005:50).

Sua audiência, ainda distante de estar estabelecida consensualmente na bibliografia, no plano enunciativo, parece claramente residir numa gama mais ampla que vai desde os próprios historiadores alvos das críticas, nomeados ou não, passando pelos demais sofistas, uma vez que a profissão de historiador era praticada indistintamente por oradores, historiadores e sofistas. De um modo geral, este grupo compunha os intelectuais da Segunda Sofística. Através da demarcação da posição enunciativa de Luciano como um estrangeiro em relação à história, pois orador, ele se manifesta de forma a mostrar como outros tantos historiadores, oradores e sofistas – maus escritores de história - deveriam se manifestar em relação a este discurso específico: se forem devidamente ousados para escrever História – o que Luciano assume não ter sido – que se tornem devidamente historiadores, levando em conta tais preceitos. Caso contrário é possível deduzir que eles deveriam abandonar a história. Assim, ele já enunciaria a quem cabe falar de história.

Audiência em *Das Narrativas Verdadeiras*

Neste momento, a análise será empreendida com ênfase sobre o próêmio de *Das Narrativas Verdadeiras*.

Assim como os atletas e, de um modo geral, os que se ocupam da preparação física, não curam exclusivamente de sua boa forma e dos exercícios, mas igualmente do repouso feito a

tempo (o qual, aliás, consideram uma parte importantíssima do treino) assim, também me convenço de que os intelectuais, após um longo período de leituras sérias têm toda a vantagem em relaxar o pensamento, tornando-o, desse modo, mais forte para o trabalho futuro.

Ao comparar atletas e leitores como praticantes de trabalhos árduos, assume a posição de quem oferece algo útil aos intelectuais, uma forma de relaxar o pensamento tão importante quanto o repouso dos atletas. O repouso dos intelectuais poderia tornar-se agradável, se eles se entregassem a um gênero de *leitura* (*anagnosmáton*) que além de proporcionar entretenimento, suscitasse também alguns momentos de reflexão, “algo parecido com o que sentirão ao lerem minha obra”(LUCIANO, I:2).

Reflito a partir de duas constatações importantes que diferem dos textos anteriores: a primeira, Luciano declara explicitamente ser um *escritor* cuja obra está destinada a um público *leitor* de leituras sérias; a segunda, sua obra pretende captar a atenção destes leitores oferecendo-lhes o que eles precisam, em sua opinião: entretenimento somado à reflexão visando fortalecer o pensamento para o trabalho futuro. Argumenta que a obra seduzirá os leitores devido à *invenção* de *mentiras* que têm ar de verossimilhança e verdade e porque, como paródia, faz alusões a poetas, historiadores⁴ e filósofos que deixaram obras fantásticas e repletas de imaginação (Ibid:2) Os exemplos citados por ele são Ctesias de Cnidos, Iambulo e Heródoto. O primeiro escreveu sobre a Índia coisas que não testemunhara, nem ao menos ouvira da boca de pessoa fidedigna. Quanto ao segundo, refere-se: “Iambulo escreveu muita coisa maravilhosa sobre o grande mar, com o que fabricou uma mentira que não engana ninguém, mas a história que ele conta (*historoûntes*), nem por isso é menos divertida.” (Ibid:3). Quanto a Heródoto, é mencionado quase ao final do Livro II, pagando por seus crimes de contar mentiras junto de Cíniras e outros na Ilha dos Condenados. Os três exemplos de historiadores são utilizados para afirmar a origem de uma tradição criticável que se inicia com Homero e continua entre os historiadores, e contra a qual Luciano se opôs radicalmente. *Ulisses teria iniciado a tradição de contar mentiras*, sendo seguido por Iambulo, Ctesias e Heródoto, entre outros. No capítulo seguinte, *Luciano se arroga a posição de dizer o que é a verdade e o que é a mentira*: “não verberei por aí (...) porquanto via que tal era então habitual mesmo entre os que faziam profissão de filósofos. Uma coisa me espantava neles: o fato de cuidarem que as mentiras que escreviam passariam despercebidas.” (LUCIANO, I:4) Na voz de Luciano, mesmo filósofos, que alegavam dizer

⁴ O termo historiadores (*συγγραφεῖς*) parece cobrir uma faixa ampla de escritores de história e estória, incluindo narradores de viagens e paradoxógrafos, tais como Iambulo mencionado no Livro I, 3. GEORGIADOU, Aristoula & LARMOUR, David H.J. **Lucian's science fiction novel...**p. 1.n. 2.

a verdade naquele momento preocupavam-se mais em fazer com que a mentira que diziam não parecesse como tal, produzindo o engano, a fraude (*apátes*). A verdade torna-se um privilégio de historiadores, mas apenas daqueles que possuem a técnica adequada e o aval de alguém isento de acusações, como o próprio Luciano, que se coloca sempre em uma posição estratégica, acima de julgamentos por não pertencer nem ao grupo de oradores ou historiadores comuns, e por não definir o seu *lógos* ao deixá-lo no âmbito da diferença, marcando assim seu *status* perante a audiência.

Escrevo pois, sobre coisas que não vi nem experimentei, e que não soube da boca de outra pessoa; mais ainda: que não existem em absoluto e que, de qualquer forma, não são suscetíveis de ocorrer. Portanto, não deve o leitor dar o mínimo crédito às minhas narrativas. (Ibid:4)

Luciano justifica a escolha da escrita mentirosa, fundando a escrita ficcional romanceada em prosa, ao mesmo tempo criticando as obras de historiadores e filósofos, que ao invés de dizerem a verdade, mentem, e cujas obras são objeto de reflexão e leituras sérias. Ele propõe que sua obra se inscreva no plano do *psêudos*, para o entretenimento, mas com a transparência de quem não pretende alegar a verdade, e assim pode captar a simpatia do leitor e oferecer-lhe um relaxamento ao pensamento que também o preparará para os novos esforços com as novas leituras sérias no futuro - e quiçá mentirosas! Luciano instaura fundamentalmente uma atitude de suspeita frente à tradição, não a rejeitando, mas desconfiando dela.

A partir do capítulo 5, Luciano inicia seu relato de viagem em primeira pessoa, segundo ele motivado pela curiosidade intelectual. (Ibid:5). No interior da narrativa, destaco alguns aspectos que entram em aparente contraste com o proêmio. Um exemplo é descrição dos povos selenitas (os habitantes da lua): “no que respeita aos olhos, hesito em dizer como são, não vá alguém acreditar que minto, tal é o incrível do meu relato”(LUCIANO, I:5). E mais adiante: “E quem não acreditar que isto é assim, se alguma vez lá for, ficará sabendo que é verdade o que eu digo”(Ibid:26). Estes dois trechos tratam de um locutor desdobrado sobre si mesmo, produzindo um novo “eu”, que solicita a *confiança* do leitor, que já tinha sido advertido a *não* crer em seus relatos pelo locutor. Portanto, pode-se pensar em um locutor complexo que contradiz o que disse anteriormente, mas dentro do relato, ele é mais um narrador, um personagem fictício, do que o locutor que se pronuncia no proêmio da obra. Por isso, não há razão para crer que as suas alegações de veracidade internas à obra invalidem a primeira alegação de que “o leitor não deverá crer em seus relatos”, ao contrário, todas as alegações posteriores estão subordinadas a ela, na voz do “eu”. Todavia,

cabe pensar em outra hipótese: que a voz de Luciano que fala na Introdução, sua *voz aitoral*, enfatiza a verdade do que se segue, enquanto a sua *voz narratorial* que conta a estória, esforça-se para fazê-la parecer crível (GEORGIADOU & LARMOUR, 1998:3).

No livro II, observo especialmente o aparecimento dos personagens célebres, já anunciado por Luciano no prefácio, que tem por função produzir um enlace com o mundo intelectual ao seu redor e responder, provavelmente, aos anseios e perguntas do público ao qual se dirige. É sua manifestação satírica em relação à tradição intelectual. Entre eles estão os poetas Homero e Hesíodo, além de Pitágoras de Samos e junto deles, o personagem Ulisses da Odisséia. Luciano, seguindo sua viagem, vendo várias ilhas, desembarca em uma delas: era a Ilha dos Condenados - “local de suplícios”(LUCIANO, II:30), onde

Vimos, entre outros, Cíniras pendurado pelas partes viris e sufocado pelo fumo. Os nossos guias iam narrando a vida de cada um deles e os crimes pelos quais eram punidos; dentre todos os que maiores castigos sofriam eram os que, ao longo da vida, tinham sido mentirosos, bem como os que não haviam escrito a verdade; entre eles contavam-se Ctésias de Cnidos, Heródoto e muitos outros. *Ao vê-los, enchi-me de boas esperanças quanto ao meu futuro, porquanto tinha a consciência de nunca haver dito nenhuma mentira.* (LUCIANO, II:31)

Entre os habitantes da Ilha dos Bem-Aventurados, não havia nenhum historiador. Contudo, eram os mais punidos dentre aqueles que estavam na Ilha dos Condenados, porque haviam dito mentiras, não como as dos poetas, mas como as daqueles que pretendiam que se fizessem passar por verdades. O gozo de Luciano reside na confirmação do que, na sua voz, enuncia a validade e a importância de seus preceitos, garantindo a sua autoridade. Trata-se da confirmação daquilo que afirmava em *Como se deve escrever a história*, porém urdido em enredo, de forma que mantivesse a primazia do “eu” sobre a audiência, a sua marca como aquela massa que precisa ser guiada, seja de pupilos-ouvintes, historiadores, ou de intelectuais-leitores.

A audiência em Luciano

Em *Mestre da Retórica*, o “eu” é o mestre que conhece os caminhos que levam à Retórica, e está disposto a ensinar o mais curto àquele que estiver disposto a acatar seus conselhos reconhecendo sua autoridade de melhor orador. Estabelece uma relação de subordinação com o seu pupilo, condição necessária para o ensinamento, através da elevação da magnitude da eloquência, da descrição dos benefícios advindos do aprendizado retórico, reafirmando sua condição de mestre indispensável. Se em *Mestre da Retórica*, Luciano é o mestre que fornece conselhos ao jovem, em *Como se deve escrever a história*, apresenta-se como o guia do caminho correto, pois há apenas um para aqueles que pretendem escrever história, enquanto há dois possíveis para aprender retórica. Em *Das narrativas verdadeiras*,

o locutor apresenta-se explicitamente como um *escritor* que fornece um texto útil aos *leitores* de obras sérias: um entretenimento que contém momentos de reflexão para ajudar a preparar o pensamento para o esforço futuro. Esse mesmo “eu” conta mentiras mais desculpáveis que a de filósofos e de historiadores, pois *confessa que mente*.

Neste artigo, observamos como é possível perceber a idéia que um autor faz de sua audiência pretendida ou imaginada, e como isso integra a obra. A análise da constituição da audiência permitiu observar os problemas na relação eu-tu: a afirmação de **autoridade**. Como Benveniste já afirmou, lingüisticamente, a relação entre o par eu/tu é sempre de oposição, mas no jogo das relações enunciativas e literárias, esta oposição mostrou-se fundar-se na autoridade. Através do uso de inúmeras vozes, Luciano marca o seu lugar de fala e define-se com a *autoridade de quem fala e defende a verdade enquanto os outros mentem*. Com efeito, *a enunciação nos fornece meios de estudar as estratégias pelas quais o autor antigo demarcou o seu lugar de fala*.

Bibliografia

- BENVENISTE, Émile. **Problemas de lingüística geral**. 2 v. Campinas: Pontes, 1989, 1991.
- BOMPAIRE, Jacques. **Lucien écrivain, imitation et creation**. Paris, E. de Boccard, 1958.
- BRAIT, Beth. **Ironia em perspectiva polifônica**. Campinas: UNICAMP, 1996.
- BRANDÃO, Jacyntho. **A poética do hipocentauro: literatura, sociedade e discurso ficcional em Luciano de Samósata**. Belo Horizonte: UFMG, 2001.
- FLORES, Valdir do Nascimento e TEIXEIRA, Marlene. **Introdução à lingüística da enunciação**. São Paulo: Ed. Contexto, 2005.
- GEORGIADOU, Aristoula & LARMOUR, David H.J. **Lucian’s science fiction novel *True Histories*: interpretation and commentary**. Boston: Brill, 1998.
- LIDDELL ; SCOTT. **A Greek-English Lexicon**. The seventh edition of Liddell and Scott’s greek-english lexicon. New York: Oxford, 2000.
- LUCIAN. Tradução de A. M. Harmon. Ed. Bilíngüe. The Loeb Classical Library. London:Harvard University Press, 1990 (1959).
- LUCIANO. **Obras II**. Biblioteca clássica Gredos. Madrid: Editorial Gredos, 1990.
- _____. **Uma História Verdídica**. Tradução de Custódio Magueijo. Clássicos Inquérito. Lisboa: Editorial Inquérito.
- PERNOT, Laurent. Histoire et rhétorique dans le traité de Lucien: Sur la manière d’écrire l’histoire. In: **Cahiers des études Anciennes: Actes du Colloque Rhetorique et**

Historiographie Québec, 13 au 15 octobre 2005. v. 2. 2005. Québec: Société des études anciennes du Québec, 2006. p. 31-54.